

NADANDO CONTRA A CORRENTE: A VIVÊNCIA CONJUGAL DE HOMENS GAYS E A HETERONORMATIVIDADE

Carolina de Campos Borges¹

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados-MS, Brasil.

Andrea Seixas Magalhães

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro-RJ, Brasil.

Terezinha Féres-Carneiro

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro-RJ, Brasil.

RESUMO. Este artigo deriva de uma pesquisa qualitativa realizada com homens que vivem uma relação conjugal com parceiros do mesmo sexo, cujo objetivo foi compreender os efeitos da naturalização de padrões heteronormativos nas vivências conjugais homoafetivas. Para este trabalho, foram selecionadas partes dos resultados das análises de discursos de nove entrevistados – homens homossexuais, com idades entre 25 e 47 anos, pertencentes ao segmento socioeconômico médio, moradores de Goiânia (GO), que coabitam com seus parceiros. Foram discutidos os resultados referentes a duas categorias que emergiram no processo de análise das entrevistas: suas visões de família e casamento; e suas experiências cotidianas a respeito de sua conjugalidade. Os resultados indicaram que esses sujeitos têm visões de família e casamento fortemente influenciadas pela valorização do afeto e do respeito à singularidade dos indivíduos. Em seus cotidianos, eles criam uma divisão de tarefas domésticas singular, a qual não segue critérios de distinção de gênero socialmente estabelecidos. Apesar de se sentirem livres da influência de normas sexistas em seus espaços de vida íntima, os participantes sofrem os efeitos da heteronormatividade social nas esferas públicas.

Palavras-chave: Conjugalidade homoafetiva; heteronormatividade; contemporaneidade.

SWIMMING AGAINST THE TIDE: THE CONJUGAL EXPERIENCE OF GAY MEN AND HETERONORMATIVITY

ABSTRACT. This article stems from a survey conducted with men living a conjugal relationship with partners of the same sex. It aimed at understanding the effects of the naturalization of heteronormative standards in homosexual conjugal experiences. For this study, the authors selected part of the results of the discourse analysis of nine interviews – middle-class homosexual men, aged 25 to 47, residents of the Brazilian city of Goiania living with their partners. The authors discussed the results concerning two categories that emerged from the interview analysis process: their views of family and marriage; and their daily experiences regarding conjugality. The results show that those subjects have their views of family and marriage that are deeply influenced by the appreciation of affection and respect for the singularity of the individuals. In their everyday lives, they create a particular sharing of domestic chores that does not follow socially established gender distinction criteria. Although the participants feel free from the sexist norms in their spaces of intimate life, they suffer the effects of social heteronormativity in public spheres.

Keywords: Homosexual conjugality; heteronormativity; contemporaneity.

NADANDO CONTRA LA CORRIENTE: LA VIVENCIA CONYUGAL DE HOMBRES GAYS Y LA HETERONORMATIVIDAD

RESUMEN. Este artículo se deriva de una encuesta cualitativa realizada con hombres que viven una relación conyugal con compañeros del mismo sexo, cuyo objetivo fue comprender los efectos de la naturalización de patrones heteronormativos en las experiencias conyugales homoafectivas. Para este trabajo, fueron seleccionadas parte de los resultados del análisis de discurso de nueve entrevistados – hombres homosexuales, con edades entre 25 y 47 años,

¹ E-mail: carolinacambor@gmail.com

pertencientes al segmento socioeconómico medio, habitantes de la ciudad brasileña de Goiânia, que cohabitan con sus compañeros. Fueron discutidos los resultados referentes a dos categorías que emergieron en el proceso de análisis de las entrevistas: sus visiones de familia y matrimonio; y sus experiencias cotidianas en respecto a su conyugalidad. Los resultados indicaron que estos sujetos tienen visiones de familia y matrimonio fuertemente influenciadas por la valoración del afecto y del respeto a la singularidad de los individuos. En sus cotidianos ellos crean una división de tareas domésticas singular, la cual no sigue criterios de distinción de géneros socialmente establecidos. Aún que se sientan libres de la influencia de las normas sexistas en sus espacios de vida íntima, los participantes sufren los efectos de la heteronormatividad social en las esferas públicas.

Palabras-clave: Conyugalidad homoafectiva; heteronormatividad; contemporaneidad.

Introdução

Este trabalho discute a experiência de pessoas que vivem relacionamentos conjugais com parceiros do mesmo sexo, a partir de uma pesquisa realizada com homens homossexuais, interessando-se em debater especialmente os efeitos que a naturalização de padrões heteronormativos pode exercer sobre suas vivências conjugais. Toma-se, aqui, a experiência da conjugalidade como sendo vivenciada de forma diferente na homoafetividade e na heteroafetividade, tendo em vista os distintos valores que lhes são atribuídos socialmente, dentro de um contexto heteronormativo.

Heteronormatividade é um termo frequentemente empregado para fazer referência a práticas e instituições que legitimam e privilegiam a heterossexualidade e as relações heterossexuais como fundamentais e naturais na sociedade. Ao estabelecer a heterossexualidade como uma norma social, nas sociedades heteronormativas, verifica-se um conjunto de prescrições dirigidas a todos os indivíduos, mesmo àqueles que não se relacionam sexualmente com pessoas do sexo oposto, fazendo com que suas vidas sejam organizadas a partir do modelo supostamente coerente, superior e 'natural' da heterossexualidade (Miskolci, 2009).

A marginalização dos homossexuais, reflexo da heteronormatividade instituída, tem influenciado o processo de reconhecimento social e legal das relações homoafetivas no Brasil. Em muitos países, como Holanda, Suíça, Estados Unidos, Uruguai e Argentina, o casamento entre pessoas do mesmo sexo já está regulamentado. No Brasil, o primeiro projeto de lei que disciplina a união civil entre pessoas do mesmo sexo foi apresentado no ano de 1995, suscitando muita polêmica e articulação política contrária à sua validação, e, mesmo tendo sofrido consideráveis alterações, até hoje a lei não foi aprovada (Uziel et al, 2006).

Todavia, importantes avanços no reconhecimento legal das relações homoafetivas foram alcançados, sobretudo, por meio de ações advindas de instâncias jurídicas independentes do poder legislativo. Atualmente, casais de pessoas do mesmo sexo têm conseguido se casar por meio da conversão da união estável em casamento (resolução 175/2013).

A peculiaridade do processo brasileiro de reconhecimento jurídico da relação homoafetiva está no fato de que, aqui, o casamento homoafetivo somente é permitido caso não interfira na concepção de família oficialmente instituída, definida como o resultado da união entre um homem e uma mulher ou então de um dos pais com seus filhos. É certo que, desde algumas últimas décadas, a individualização da sociedade e a despadronização das trajetórias de vida dos indivíduos têm favorecido a emergência de uma variedade de novas configurações familiares, o que impulsiona a ampliação nas formas de se conceber família. Entretanto, a ruptura do caráter "periférico" das relações homoafetivas nas sociedades heteronormativas continua sendo um processo um pouco mais difícil.

Conforme Singly (2007) e Elias (1994), o que caracteriza uma sociedade individualista é o fato de o indivíduo ser um valor central na vida social, o que faz com que as relações sejam menos determinadas por padrões socialmente estabelecidos e que haja maiores possibilidades de individualização. Nelas, uma família é concebida como um local que agrega diferentes "eus" e as relações que se estabelecem entre seus membros tendem a propiciar a emergência da singularidade de cada um e rejeitar toda forma de constrangimento imposto aos indivíduos. Constitui-se, assim, um tipo de articulação interpessoal que favorece as trocas afetivas, a liberdade e o respeito às diferenças individuais, sendo estas dimensões consideradas fundamentais para a estruturação das identidades pessoais.

Com isso, esta configuração de valores vem tornando as relações familiares mais flexíveis e sensíveis às questões individuais. Elas incorporam o espírito das relações individualistas, caracterizado por Singly (2007) como uma forma de humanismo, pois favorecem o descolamento do “eu” de referências estatutárias e promovem maior liberdade para os indivíduos se tornarem eles mesmos. Em decorrência disso, verifica-se a ampliação não somente dos modelos de família como também do sentimento de família, que é incorporado pelas configurações familiares as mais diversas: famílias monoparentais, famílias constituídas pelo recasamento dos pais e com filhos de diferentes relacionamentos etc. Pode-se afirmar que a família contemporânea se apresenta como uma família capaz de se moldar em torno das necessidades dos indivíduos.

Mesmo dentro deste cenário, a família formada por casais homoafetivos tem encontrado resistências maiores para obter reconhecimento como configuração familiar da contemporaneidade. É, sobretudo, pelos avanços alcançados por movimentos sociais que militam pelas questões de gênero que se tem conseguido progredir.

A resistência à afirmação dos direitos dos casais homoafetivos remonta ao fato de as relações homoafetivas sofrerem uma forma de depreciação decorrente do significado historicamente construído para a homossexualidade, a qual, definida a partir de parâmetros heteronormativos, adquire o sentido de desvio, de anormalidade. Isso faz com que as relações homoafetivas sejam marcadas por um estigma social. Um estigma, segundo Goffman (2012), está calcado em uma “teoria”, ou um “discurso”, ideologicamente construída/o a respeito de um atributo considerado inferior, depreciativo, que acaba por situar o indivíduo que porta tal atributo em posição de descrédito social. Aquele que é estigmatizado dificilmente escapa da inferiorização que lhe é atribuída, pois o atributo estigmatizador acaba se impondo de tal forma sobre sua identidade social que todas as suas outras qualidades tornam-se ininteligíveis.

Além da estigmatização, a marginalização das relações homoafetivas é o reflexo da “violência simbólica” que atinge os homossexuais. De acordo com Bourdieu e Passeron (2008), uma “violência simbólica” se realiza por meio de um discurso consensual acerca do caráter “natural” da inferioridade de determinados grupos sociais. Trata-se de um processo pelo qual se transforma o diferente em inferior, “naturalizando” uma inferioridade que é da ordem do socialmente construído; uma violência, como aponta Bourdieu (1982), legitimada pela sociedade, silenciosamente exercida. Em consequência disso, os homossexuais sofrem discriminações, exclusões, desqualificações e violências resultantes de um sistema que legitima tanto a desigualdade quanto as práticas discriminatórias, tornando incontornáveis tais formas de violência.

A percepção de desajustamento em relação à norma social heterossexista pode produzir nos homossexuais um sentimento de inadequação que, além de acarretar formas específicas de sofrimento psíquico, afeta diretamente a vivência da conjugalidade, como apontam Borges e Rocha-Coutinho (2015). Frente a ela, comumente se verifica o autoquestionamento sobre a natureza dos impulsos e dos relacionamentos homossexuais, questionamento este que não ocorreria caso esta não fosse uma experiência considerada, socialmente, pejorativa e anormal.

A despeito das estigmatizações e discriminações que sofrem, muitos homossexuais acabam tomando consciência da “violência simbólica” a que foram submetidos e, com isso, produzem um discurso crítico sobre o estigma que recai sobre eles, recusando a marginalidade que lhes é imposta pela sociedade. Assim, produzem para si uma nova concepção de homossexualidade como algo “normal”, em contraposição à noção de homossexualidade como desvio, um movimento absolutamente necessário para que eles encontrem um novo equilíbrio interno e possam construir uma nova trajetória.

Esse processo de ressignificação da homossexualidade pelos homossexuais, por meio do qual os parceiros adquirem um nível de autoaceitação, é destacado por França (2009) como fundamental para que um vínculo amoroso com alguém do mesmo sexo se estabeleça. Consideramos que essa ressignificação é também fundamental para que, nos casais homoafetivos, se consolide a identidade conjugal, com a interiorização do sentimento de pertencimento, importante fator para o estabelecimento de uma conjugalidade gratificante. Mas, uma vez estabelecida a conjugalidade, como os padrões heteronormativos, que tanto marcam a subjetividade dos indivíduos homossexuais, influenciam suas vidas a dois?

No Brasil, o interesse da comunidade científica pelo estudo das relações homoafetivas, em comparação com outros países, é relativamente recente, como destacam Santos, Scorsolini-Comin e Santos (2013) e também Nascimento, Scorsolini-Comin, Fontaine e Santos (2015). Possivelmente em

decorrência da ilegitimidade social atribuída às relações homoafetivas, esse foi um assunto geralmente tratado em círculos de estudos de gênero. Fora desses círculos, entretanto, ainda que as novas configurações familiares já fosse um tema discutido há décadas, até pouco tempo atrás eram poucos os estudos existentes sobre esse tema. Quando existiam, geralmente se baseavam em teorias calcadas em referências heterocêntricas, que acabavam reforçando representações patologizantes das relações homoafetivas e propiciando interpretações que de alguma forma justificavam a segregação e marginalização dos homossexuais.

Apenas recentemente, após os primeiros avanços no reconhecimento legal da união homoafetiva, novas pesquisas sobre famílias compostas por casais de pessoas do mesmo sexo passaram a ser produzidas de forma mais recorrente, a partir de um enfoque que leva em consideração as questões ideológicas que perpassam as relações homoafetivas. A importante contribuição que os estudos mais recentes sobre esta temática têm dado refere-se, justamente, à problematização da influência que a cultura heteronormativa exerce sobre a vida conjugal homoafetiva. Seja enfocando a maneira como casais homoafetivos celebram seus casamentos, a importância da rede social para seus relacionamentos, a expectativa de parentalidade ou a invisibilidade da violência sofrida por eles, as discussões impulsionadas por muitos desses estudos têm conduzido a uma reflexão sobre o embate ideológico que opera nessas relações em consequência da naturalização de padrões heteronormativos na nossa sociedade (Lomando, Wagner, & Gonçalves, 2011; Hernández, Silva, & Uziel, 2012; Luz & Gonçalves, 2014; Meletti & Scorsolini-Comin, 2015; Pontes, Féres-Carneiro, & Magalhães, 2015; Machin, 2016; Gross, Courduriès, & Federico, 2014; Rosa, Melo, Boris, & Santos, 2016).

Assim como esses estudos mais recentes, este trabalho se preocupa em contribuir para a ampliação do conhecimento acerca das relações homoafetivas de forma atenta aos efeitos da heteronormatividade nos sentidos socialmente produzidos para a homossexualidade. Com base nos dados de uma pesquisa qualitativa realizada com o objetivo de compreender as relações homoafetivas a partir da perspectiva de homens homossexuais, constitui-se a proposta deste artigo que é a de discutir: 1) as visões de família e casamento de homens homossexuais, analisando os valores que atravessam seus discursos; e 2) como se estrutura o cotidiano de um casal homoafetivo, compreendendo a influência de padrões heteronormativos na vivência cotidiana da conjugalidade.

Assim, pergunta-se: O que significa família e casamento para eles? Ao viver uma vida a dois, compartilhando a mesma casa e o dia a dia, eles introduzem, paradoxalmente, em seus relacionamentos as referências heteronormativas que acarretam a marginalização das relações homoafetivas? Eles se espelham em um modelo de conjugalidade caracterizado pela distinção dos papéis de gênero para organizar seu dia a dia? Ou, ao contrário, verifica-se nessas relações a superação de parâmetros que tradicionalmente regulam as relações entre pessoas de sexo diferente e a criação de uma nova lógica? Por fim, como esses homens percebem os efeitos da heteronormatividade em suas relações?

Método

Foram entrevistados nove homens, moradores da cidade de Goiânia (Goiás), pertencentes aos estratos sociais médios, com idades entre 25 e 47 anos, que vivenciavam relação conjugal com parceiros do mesmo sexo em regime de coabitação há pelo menos dois anos. No momento da entrevista, todos eles declararam ser homossexuais, e não bissexuais ou heterossexuais, embora alguns deles já tivessem se relacionado com mulheres anteriormente. Nenhum deles foi casado anteriormente e tampouco tinha filhos.

Os entrevistados foram contatados a partir da rede de pessoas conhecidas da pesquisadora e, posteriormente, por indicação dos próprios entrevistados. Esta estratégia de contato foi adotada, pois permite abordar pessoas que compartilham uma representação de mundo próxima, quando se tem como alvo um segmento extremamente amplo e variado, de difícil definição, como é o caso das camadas médias, fazendo com que a comparação dos seus discursos seja possível.

As entrevistas se basearam em um roteiro flexível de perguntas previamente elaborado, composto por perguntas abertas que abordavam temas como o processo de “descoberta” e “aceitação” de sua homossexualidade, a vivência cotidiana de seus relacionamentos conjugais, o reconhecimento jurídico das relações homoafetivas e as relações familiares de uma maneira geral. Elas foram realizadas individualmente com cada entrevistado, nos locais e horários que lhes foram mais convenientes.

Transcorreram de forma semelhante a uma conversa espontânea, isto é, de modo que os sujeitos se sentissem à vontade e descontraídos, por meio de uma interação empática estabelecida entre entrevistador e entrevistado, conforme propõe o modelo da Entrevista Compreensiva (Ramos, 2015).

Participaram desta pesquisa:

Tabela 1

Nome	Idade	Profissão	Tempo de conjugalidade
1. João	25 anos	estudante universitário	2 anos
2. Leandro	30 anos	geógrafo e professor universitário	11 anos
3. Bernardo	30 anos	estudante universitário e gerente de loja	13 anos
4. Augusto	33 anos	ator e professor de teatro	4 anos
5. Evandro	33 anos	Engenheiro	7 anos
6. Flávio	34 anos	Ator e professor de teatro e história	5 anos
7. Carlos	37 anos	funcionário público	7 anos
8. Giorgio	41 anos	funcionário público e advogado	5 anos
9. Helder	47 anos	Jornalista	2 anos

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas na íntegra. Uma vez transcritas as entrevistas, os textos resultantes das transcrições foram submetidos à Análise de Discurso (Rocha-Coutinho, 1998; Fairclough & Melo, 2012). A interpretação do material coletado iniciou-se com a identificação dos temas que emergiram espontaneamente dos discursos, conforme o fluxo da conversa, ou por influência do roteiro de perguntas utilizado. Esses temas resultaram em quatro categorias de análise: *ser gay*; *impacto do reconhecimento jurídico da relação homoafetiva*; *concepção de família e casamento*; e *cotidiano da conjugalidade homoafetiva*. Tendo em vista os objetivos deste trabalho, apenas as duas últimas serão discutidas.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da instituição onde foi desenvolvida e, a fim de assegurar o anonimato dos sujeitos da pesquisa, são empregados nomes fictícios na nomeação dos mesmos.

Discussão dos resultados

Concepção de família e casamento

Nesta categoria, compreendem-se os trechos dos discursos dos entrevistados referentes às suas concepções de família e à importância que atribuem ao casamento. Família é definida pelos entrevistados como algo estreitamente ligado ao afeto que surge da convivência entre as pessoas. Caracteriza-se como um “sentimento” associado à ideia de amor, respeito à individualidade e à liberdade pessoal, cuidado mútuo, segurança/confiança e objetivos em comum:

Para mim, é... uma pessoa que... por exemplo, que você convive, que você tem um afeto, um laço. Por exemplo, seu cachorro pode ser sua família... Que no momento de alegria, de tristeza, tá ali com você, é sua companhia. ...Então, pra mim, família representa isso, né? Amoor, eeh... (João).

A gente brincou agora a pouco que os amigos acabam virando família que você escolhe. Compatível... Para mim família é isso. É um núcleo de pessoas que compartilham afetividade... (Leandro).

Então, eu acho que a família é esse construir juntos com respeito, com esse cuidado um ao outro (Giorgio).

Também o respeito à individualidade, ou seja, a possibilidade de se afirmar como alguém singular, foi ressaltado pelos entrevistados como uma qualidade importante das relações familiares:

Porque você tem que respeitar a individualidade de cada um, né? Mas obviamente a gente tem uma ideia em comum... é respeitando a individualidade, tendo objetivos em comum. Isso é família (Augusto).

É um... um lugar onde você é você mesmo talvez, né? E, sei lá, você tem pessoas que te ajudam de alguma maneira, convivem com você, sei lá... querem seu bem, né? ... (Carlos).

Em suas visões sobre casamento, aspectos afetivos também foram ressaltados como um elemento importante nas relações conjugais, como se pode ver:

Ah, ter alguém para compartilhar a vida, as experiências. Ter alguém pra viajar junto. Ter alguém para conversar como foi seu dia e... essas coisas (Carlos).

Significa tranquilidade. Significa porto seguro. É impressionante como tem dias que são terríveis, são horríveis... eu sinto segurança. Ser casado é me sentir seguro (Flávio).

Eu acho que ser casado é ser amado, ser correspondido, e ter essa segurança de ter alguém ao meu lado, que se eu precisar vai estar me amparando, se eu sofrer um acidente vai cuidar de mim (Giorgio).

Os discursos dos entrevistados apontam para a valorização do afeto e para o respeito à singularidade dos indivíduos, o que demonstra a forte influência de valores individualistas nas suas maneiras de conceber família e casamento. Como resalta Singly (2005; 2007), nas sociedades individualistas, as relações que se estabelecem na família têm como centro o indivíduo e, nelas, questões como afetividade, singularidade e liberdade afirmam-se como referências fundamentais.

Neste estudo, pode-se questionar se o uso de expressões como afetividade, segurança, respeito à individualidade e companheirismo pelos participantes adquire também outro sentido, mais específico, na medida em que se trata de sujeitos estigmatizados. Ora, ao ressaltarem esses elementos como fundamentais em suas concepções de família, enfatizando a importância das pessoas pelas quais se sentem plenamente aceitos, pode ser que eles estejam se rementendo, de alguma forma, à história de julgamento e ao preconceito vivenciados por eles. Assim, entendemos que o preconceito e a perseguição que muitos deles sofreram nos mais diversos contextos sociais, inclusive nas suas famílias de origem, os tornem mais propícios a considerar como sendo suas famílias as pessoas de um círculo social no qual eles se sentem aceitos, amados e respeitados.

Os entrevistados enfatizaram também cerceamentos que o viver com um companheiro lhes impõe, tais como ter que ser responsável e leal e ter que abrir mão de certas coisas para conciliar as individualidades, as necessidades e as vontades de cada parte, como apontam as falas a seguir:

É dividir mesmo. Você chega, você conta coisas... Eu acho que na verdade não é nem... é se dividir. Porque você tem que pensar em você e pensar em mais um. Quer dizer, é se dividir. É pensar que você tem uma individualidade e que não necessariamente essa sua individualidade é a certa... (Augusto).

Claro que, eu vou ser sincero, há momentos que você... dá vontade de ser livre. Dá vontade de ser livre no sentido de não ter que dar satisfação. Porque relação é isso: é compromisso. E às vezes você fica meio preso (Bernardo).

Ser casado? Ah, eu acho que é esse compromisso de ter com a outra pessoa esse compromisso, acho que, afetivo mesmo, de estar junto, de viver junto, de construir junto, de planejar as coisas junto e acho que principalmente de direito (Evandro).

Ah, é ter mais responsabilidade, né? ... Então as pessoas precisam estar muito preparadas pra entender que, a partir dali, aquilo que a gente chamava de liberdade individual ela passa a ser reduzida. Ela passa a ser uma liberdade compartilhada (Helder).

No difícil convívio da individualidade com a conjugalidade (Féres-Carneiro, 1998), autonomia e satisfação individual dos cônjuges podem entrar em conflito com os laços de dependência. A ênfase dada à individualidade representa uma tensão no processo de constituição e de manutenção da vida conjugal, pois a constituição da conjugalidade depende da criação de uma “zona comum de interação”, da formação de uma identidade conjugal, e da conciliação dessas dimensões com a dimensão da individualidade de cada cônjuge. E, justamente, a formação deste elo conjugal é ameaçada pelo medo profundo que, no contexto contemporâneo, o indivíduo comprometido amorosamente sente de perder sua liberdade e independência. Esse é, conforme Singly (2005), um paradoxo que o individualismo contemporâneo traz para o universo do casal. Quando é parte constituinte de um casal, o sujeito sonha em poder se libertar para recuperar sua independência. Mas, quando está só, sente-se livre, porém tem medo de ficar só para sempre e não poder recuperar seu estado de estar com alguém.

Podem-se ver, portanto, semelhanças entre a experiência conjugal de casais homoafetivos e heteroafetivos no que tange às questões subjetivas relativas ao envolvimento amoroso. A individualização da sociedade introduz na experiência desses casais as mesmas expectativas românticas e a mesma necessidade de conciliação de individualidades que se encontram entre casais de pessoas de diferentes sexos.

Cotidiano da conjugalidade homoafetiva

A maioria dos entrevistados afirma que, em seus cotidianos, há uma divisão das tarefas domésticas entre eles e seus companheiros, embora esta não seja estabelecida seguindo padrões tradicionais, segundo os quais algumas tarefas seriam femininas e outras masculinas, como muitas vezes ocorre nas relações heteroafetivas. Independentemente da atividade que realizam, eles não consideram que alguém esteja desempenhando o papel “feminino” e outro “masculino”. “Parceria”, “compartilhar”, “ajudar”, “fazer o que gosta”, “dividir” são as referências que permeiam a organização do espaço doméstico:

É! tem uma divisão sim. Parceria, mesmo (Bernardo).

Tem [divisão de tarefas], mas elas não são tão estanques assim. (...) Então, não existe um papel definido. Aqui é assim, vamos compartilhando vidas. Alegrias e tristezas (Leandro).

Eu percebo, observando as relações dos meus irmãos héteros, por exemplo, que tem coisa que só a mulher pode fazer. Se meu cunhado fizer é o fim do mundo. Aqui, não (Evandro).

Esse é um dado interessante no que se refere ao questionamento dos efeitos da heteronormatividade na organização cotidiana de casais homoafetivos. As ideias sociais igualitárias encontram nas relações conjugais homoafetivas um terreno bastante propício à desconstrução de conceitos e padrões que geralmente estruturam as relações heteroafetivas, o que também se confirmou em outros estudos (Meletti & Scorsolini-Comin, 2015; Shechory & Ziv, 2007). São relações que subvertem mais facilmente toda a ordem social estabelecida em torno da hierarquização dos gêneros, a qual, conforme Bourdieu (1998), legitima a perpetuação da desigualdade de gênero e da “dominação masculina”.

Nas famílias heteroafetivas, a introdução de valores individualistas nas relações familiares deu origem a uma tensão decorrente da combinação paradoxal de referenciais hierárquicos e individualistas (Peixoto, Singly, & Cicchelli, 2000; Singly, 2005), que se explicita principalmente nas relações de gênero. Nelas, mesmo que a relação homem-mulher tenha se tornado mais igualitária, continua operando de alguma maneira a lógica de distinção entre os gêneros: os papéis masculinos e femininos permanecem bem delimitados. Certas atividades continuaram a ser vistas como masculinas ou femininas, levando, por exemplo, ao denominado acúmulo da dupla jornada de trabalho pela mulher, ou à existência de

diferenças salariais para homens e mulheres que ocupam um mesmo cargo no mercado de trabalho, como indicam algumas pesquisas. Já nas relações homoafetivas, entre pessoas do mesmo sexo, essa hierarquia de gênero parece ceder mais facilmente, de modo que a divisão de tarefas que se faz está fundamentada em critérios pessoais, e não de gênero.

Os entrevistados são críticos quanto ao fato de que, para muitos casais, ainda persista o padrão tradicional de divisão dos papéis sexuais. Como se observa nos trechos das falas abaixo, eles consideram que, no contexto atual, todos os estereótipos, inclusive aqueles ligados à identidade de gênero, estão sendo desconstruídos, de modo que os indivíduos hoje têm mais liberdade para viver como querem.

Eu acho que é o fim do estereótipo. De todas as formas, né? Enquanto a gente tiver naquela coisa de... das funções especificamente masculinas ou femininas, comportamentos... Homens não cruzam a perna assim (faz o gesto), cruza a perna assim; mulheres cruzam a perna assim... Acho essa coisa, assim, meio perda de tempo. Isso é um mecanismo de dominação, na verdade, né? ... Então, nosso relacionamento, a gente nunca esteve preso a essas... certas convenções, sabe? A gente sempre deixou rolar e tal (Carlos).

Tradicionalmente, alguns casais gays, isso é quase que automático, essa coisa do machismo, né? De identificar quem tem mais identidade com o gênero feminino, desenvolver as atividades que são ditas entre aspas "de mulheres", e o que tem mais identidade com o gênero masculino, mais másculo, fazer as atividades "masculinas". Mas entre nós dois não tem essa regra de conduta, não. A gente não tem ehh gênero nas atividades, não... Então, não tem essa coisa do binário macho-fêmea, masculino-feminino, não (Helder).

A gente não tem essa coisa de um papel masculino e um papel feminino. (...) pra mim não faz diferença. Mas tem casais que fazem. Eu acho isso ultrapassado (Leandro).

Acho que esses papéis estão invertidos também no mundo heterossexual (Flávio).

Acho que não existe mais esse negócio de atividade só de mulher, só de homem. Somos dois homens, fazemos trabalho de casa normal, como qualquer homem faz... (João).

Ao ressaltarem que não estabelecem suas relações conforme padrões heteronormativos, que não se vêm exercendo papéis definidos como "feminino" ou "masculino", mesmo quando desempenham funções habitualmente atribuídas à mulher, como cozinhar, limpar ou organizar a casa, e sendo radicalmente contra a ideia de que algum membro do casal seja considerado menos masculino por ter como companheiro outro homem, os entrevistados adotam uma maneira mais igualitária de conceber família. É possível afirmar, então, que eles organizam suas vidas íntimas a partir de parâmetros outros que não os dos padrões tradicionais socialmente produzidos, não sofrendo grande influência de padrões heteronormativos instituídos.

Apesar da vigilância frente ao risco de reproduzirem um padrão de relação heterossexista, com o qual pretendem romper, foi evidenciado neste estudo que casais homoafetivos sofrem os efeitos da cultura instituída em torno do ideal heteronormativo. Os resultados encontrados indicam que, em seus contatos sociais, casais homoafetivos continuam submetidos a um julgamento social, embasado em princípios heterocêntricos, que os inspira a viver de forma marginalizada na sociedade.

Como demonstram os trechos dos discursos que se seguem, os casais homoafetivos não desfrutam da liberdade de que desfrutam os casais heteroafetivos para expressar sua afetividade em locais públicos ou eventos sociais.

Minha preguiça é essa, de você querer certa mobilidade na própria sociedade que independe disso, mas não tem por causa dos padrões. ... Por exemplo, tem uma confraternização da minha empresa, digamos assim. Eu pego o E. e vou, a gente confraterniza e tal. É uma coisa que pode acontecer? Pode. Mas vai ser uma coisa anormal, entende? (Carlos).

A diferença é que eu não posso andar de mãos dadas nas ruas, eu não posso beijar meu companheiro num shopping, eu não posso expressar minha afetividade. Isso não é proibido, mas...você pode ser agredido, você pode ser espancado... (Leandro).

Eles têm que lidar o tempo todo com a ideia de serem “anormais” e sofrem as consequências do preconceito.

É nadar contra a correnteza o dia inteiro. É nadar contra a correnteza. É a mesma coisa de você ser um socialista num país capitalista. Ser capitalista num país socialista. Quer dizer, você tem uma ideologia dominante que apregoa o tempo inteiro como algo natural... Se você não se adequa àquilo ali, você é um anormal, você é um doente, você é um perverso (Helder).

É difícil, porque tem muito preconceito. A sociedade é muito preconceituosa. Muito... É uma cruz. Depois da exposição que eu tive... na imprensa... fui mandado embora da empresa que eu trabalhava. É difícil demais (João).

No meu trabalho eu não comento sobre minha vida particular. ... Como eu estou no início de uma carreira, você fica pensando: será que se eu me assumir eu vou ter uma oportunidade de chefia? Então, eu me resguardo muito na empresa também (Giorgio).

Os entrevistados consideram-se invisíveis nas estatísticas que registram as uniões conjugais, na medida em que a sociedade estabeleceu seus padrões desconsiderando as uniões homoafetivas e, por isso, as políticas públicas são insensíveis às necessidades dos casais homossexuais.

Quer dizer, o que eu tô querendo dizer é que a gente entra na estatística do IBGE como uma porcentagem, 60 mil casais no Brasil todo, mas isso é muito maior ... O que é muito ruim porque acaba que a gente não passa a valer para as políticas públicas. Se você não diz que existe, as pessoas não vão se preocupar com você. Se você não existe, você não precisa de nada. Você não precisa de nenhum benefício fiscal, de nenhum benefício social, de nada ... A invisibilidade. Esse termo é maravilhoso. A política da invisibilidade (Leandro).

Não são aquilo que os familiares gostariam que fossem.

A nossa família nos respeita muito, assim, mas eu tenho certeza que eles prefeririam que não fosse assim. Isso é óbvio, é claro. Então, eu acho ruim, mas eu acho que o que importa é o nosso sentimento mesmo (Carlos).

Além disso, o fato de serem estigmatizados na sociedade dificulta a vinculação com os outros parentes, o que pode se tornar um dificultador das relações conjugais, na medida em que o pertencimento ao grupo familiar é percebido como mais frágil, como se pode ver.

Numa relação hetero, eu acho que o vínculo com a família é bem mais forte. Com a família de sangue. Então, por mais que eu tenha uma relação boa hoje com os dois lados, com a minha e com a dele, não é igual. Na homo, a gente não tem que chegar, todo final de semana, ir para a casa da sogra ... Os filhos, eu acho que isso também prende um pouco o relacionamento. E nós não temos. Então, acho que um ponto forte do relacionamento hetero... Não sei, eu acho que é uma coisa que faz falta um pouco (Evandro).

Os sentimentos são bem parecidos em qualquer casal, hetero ou homo etc. O que une. Mas o desenrolar dessa expressão acho que é bem diferente. Claro que é diferente, né? Por isso que a gente tá falando... você não tem os filhos desse relacionamento. Às vezes não tem aquele... aquele contexto 100% harmônico. Igual eu te disse... nós conseguimos, de alguma forma, estabelecer um espaço dentro dessa célula, né, que dizem família. Mas quando é um relacionamento comum, hetero, no caso, né, isso é bem mais fácil, bem mais explícito, bem mais festejado. Então, isso facilita muito a vida do casal, né?(Carlos)

É diferente, mas... Na relação homo tem mais liberdade até por não ter essas interferências às vezes da família. Numa relação hetero, há tanta interferência às vezes dos pais, pessoas mais próximas,

irmãos, e tudo. E às vezes, independente de ser aceito ou não pelas famílias amplas, eu acho que elas interferem menos. Acaba ficando aquela coisa, “viva sua vida” (Bernardo).

Embora a vida conjugal homoafetiva se estabeleça com base em idealizações comuns às que estruturam as relações heteroafetivas, observou-se que a experiência conjugal dos homossexuais é distinta das que têm os heterossexuais. Os padrões heteronormativos impõem restrições à expressão pública da homoafetividade, o que reitera a tese assinalada por Aboim (2012), segundo a qual a maior individualização, sentimentalização e desinstitucionalização da sociedade não conduz diretamente à obtenção da igualdade social. A igualdade de gênero e o reconhecimento social das relações homoafetivas dependem de uma transformação mais profunda da lógica e das formas de expressão da dominação masculina operada principalmente no âmbito público.

Considerações finais

“Nadando contra a corrente”, casais homoafetivos tornam possível uma vida a dois em uma sociedade onde a heterossexualidade é a norma, lidando diariamente com os conflitos que surgem, inevitavelmente, dentro dessa conjuntura pelo fato de serem considerados contrassenso. Uma das especificidades da experiência conjugal de pessoas do mesmo sexo está no fato de que, apesar da possibilidade de desconstruírem certas referências que sustentam a distinção dos papéis de gênero na dinâmica do casal heteroafetivo, eles continuam sujeitos aos efeitos da heteronormatividade social.

Diferentemente dos casais compostos por pessoas de sexos distintos, que têm que gerir internamente, ou seja, na relação entre os cônjuges, as contradições que o igualitarismo traz para as relações homem-mulher, segundo o ponto de vista dos entrevistados, casais de pessoas do mesmo sexo parecem não sofrer esta tensão em sua dinâmica interna de forma tão significativa. Tal situação pode ser explicada, tendo em vista que nas relações heteroafetivas, mesmo que a introdução de discursos democráticos situe em condições de igualdade homens e mulheres, costumam persistir, paradoxalmente, modos de distinção dos gêneros que perpetuam a assimetria de poder entre eles. Já, nas relações homoafetivas, o fato de se tratar de uma relação entre duas pessoas do mesmo sexo torna menos conflituosa a subversão da lógica sexista de distinção dos espaços e atividades, de modo que podem mais facilmente criar outra divisão, não sexista, para pautar seu convívio cotidiano. No entanto, os casais de pessoas do mesmo sexo vivenciam conflitos que não são evidenciados na forma como dividem as tarefas em casa, mas no fato de que, quando estão fora dos limites de suas casas e do convívio com grupos sociais mais abertos à diversidade sexual, se deparam com um mundo social regido por normas sexistas e acabam sendo pressionados a se adequar à heteronormatividade.

Frente a isso, conclui-se que, embora alguns sentimentos, como o amor e a vontade de estar junto, sejam presentes tanto nos casais homo quanto heteroafetivos, como apontaram os entrevistados, o modo como os relacionamentos são estabelecidos é distinto. Os casais homoafetivos têm que enfrentar algumas dificuldades que não se impõem aos casais heteroafetivos, tais como evitar de se expor socialmente com a mesma naturalidade dos casais heteroafetivos; ter que lidar com estigmas socialmente produzidos e sofrer as consequências do preconceito quanto à orientação sexual; frustrar, muitas vezes, expectativas de seus familiares quanto ao estabelecimento de uma conjugalidade heteroafetiva, o que dificulta a vinculação com os outros parentes e acaba sendo um dificultador das relações conjugais homoafetivas; sofrer limitações quanto à procriação de filhos biológicos do casal; ter pouca visibilidade nas estatísticas e políticas públicas do país.

Além disso, os casais homoafetivos lidam com a falta de amparo da rede familiar, o que pode ser entendido também como uma espécie de falta de reconhecimento social. Este é um fator de vulnerabilidade para esses casais, pois, sem o apoio dos familiares, e a menos que consigam construir uma rede social capaz de suprir essa função frequentemente desempenhada pela rede familiar, a sustentação da relação conjugal recai sobre a capacidade de cada parceiro gerir seus relacionamentos, lidando com as instabilidades próprias ao vínculo amoroso, possivelmente agravadas por um ambiente de hostilidade social.

Diante disso, reitera-se, a partir da análise dos resultados dessa pesquisa, a necessidade de novos estudos sobre a conjugalidade homoafetiva com foco na especificidade da experiência desses

casais frente à heteronormatividade instituída e nos seus desdobramentos familiares. O aprofundamento de conhecimentos dentro desta temática é imprescindível para o aprimoramento de ações de orientação psicossocial e do campo da saúde voltadas para o público homossexual, bem como para contribuir para a desmistificação das relações homoafetivas.

Referências

- Aboim, S. (2012). Do público e do privado: uma perspectiva de gênero sobre uma dicotomia moderna. *Revista de Estudos Feministas*, 20(1), 95-117. Recuperado em 15 de outubro, 2017, de http://www.ics.ul.pt/rdonweb-docs/ICS_SAboim_Publico_AR1.pdf
- Borges, C. C., & Rocha-Coutinho, M. L. (2015). Sentidos para a homossexualidade. In G. P. Lara & R.P. Limberti (Orgs.), *Discurso e (des)igualdade social* (pp. 170-200). São Paulo: Contexto.
- Bourdieu, P. (1982). *Ce que parler veut dire: l'économie des échanges linguistiques*. Paris: Fayard.
- Bourdieu, P. (1998). *La domination masculine*. Paris: Éditions du Seuil.
- Bourdieu, P., & Passeron, J.-C. (2008). *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Elias, N. (1994). *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Fairclough, N., & Melo, I. F. (2012). Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica. *Linha D'Água*, 25 (2), 307-329. Recuperado em 10 de outubro, 2017, de http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://www.periodicos.usp.br/linhadagua/article/download/47728/51460&gws_rd=cr&dcr=0&ei=KrnjWf-7BZDTwgTb96_oBQ
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-394. Recuperado em 10 de dezembro, 2016, de <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721998000200014>
- França, M. R. C. (2009). Famílias homoafetivas. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 17(1), 21-33. Recuperado em 10 de dezembro, 2016, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932009000100003&lng=pt&tlng=pt
- Goffman, E. (2012). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC.
- Gross, M., Courduriès, J., & Federico, A. (2014). Morphologie des familles homoparentales en France en 2012. In J. Courduriès & A. Fine (Orgs.), *Homosexualité et parenté* (pp. 205-212). Paris: Armand Colin.
- Hernández, J., Silva, D., & Uziel, A. (2012). A luta pelo amor e o amor pela luta: notas sobre a cerimônia coletiva de uniões homoafetivas no Rio de Janeiro. *Sociedade e Cultura*, 15(2), 369-377. Recuperado em 10 de novembro, 2016, de <https://www.revistas.ufg.br/index.php?journal=fchf&page=article&op=view&path%5B%5D=22404&path%5B%5D=13483>
- Lomando, E., Wagner, A., & Gonçalves, J. (2011). Coesão, adaptabilidade e rede social no relacionamento conjugal homossexual. *Psicologia: teoria e prática*, 13(3), 96-109. Recuperado em 20 de novembro, 2016, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872011000300008&lng=pt&tlng=pt
- Luz, R. R., & Gonçalves, H. S. (2014). Violência doméstica entre casais homossexuais: a violência invisível. *Bagoas - estudos gays: gêneros e sexualidades*, 9, 79-99. Recuperado em 15 de novembro, 2016, de <http://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/6544/5074>
- Machin, R. (2016). Homoparentalidade e adoção: (re)afirmando seu lugar como família. *Psicologia & Sociedade*, 28(2), 350-359. Recuperado em 5 de dezembro, 2016, de <https://dx.doi.org/10.1590/1807-03102016v28n2p350>
- Meletti, A. T., & Scorsolini-Comin, F. (2015). Conjugalidade e expectativas em relação à parentalidade em casais homossexuais. *Psicologia: teoria e prática*, 17(1), 37-49. Recuperado em 11 de novembro, 2016, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872015000100004&lng=pt&tlng=pt
- Miskolci, R. (2009). A teoria Queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, 11(21), 150-182. Recuperado em 5 de dezembro, 2016, de <http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>
- Nascimento, G. C. M., Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A. M. G. V., & Santos, M. A. (2015). Relacionamentos amorosos e homossexualidade: revisão integrativa da literatura. *Temas em Psicologia*, 23(3), 547-563. Recuperado em 5 de dezembro, 2016, de <https://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-03>
- Peixoto, C. E., Singly, F., & Cicchelli, V. (Orgs.). (2000). *Família e individualização*. Rio de Janeiro: FGV.
- Pontes, M. F., Féres-Carneiro, T., & Magalhães, A. S. (2015). Famílias homoparentais e maternidade biológica. *Psicologia & Sociedade* (online), 27, 189-198. Recuperado em 2 de dezembro, 2016, de <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v27n1/1807-0310-psoc-27-01-00189.pdf>
- Ramos, E. (2015). *L'entretien compréhensif en sociologie*. Paris: Armand Colin.
- Resolução n. 175*, de 14 de maio de 2013. (2013, 14 de maio). Dispõe sobre a habilitação, celebração de casamento civil, ou de conversão de união estável em casamento, entre pessoas de mesmo sexo. Brasília, DF: Presidência da República: Casa Civil. Subchefia

- para Assuntos Jurídicos. Recuperado em 2 de dezembro, 2016, de <http://www.cnj.jus.br/busca-atos-adm?documento=2504>
- Rocha-Coutinho, M. L. (1998). A análise de discurso em psicologia: algumas questões, problemas e limites. In L. Souza, M. F. Q. Freitas & M. M. P. Rodrigues (Orgs.), *Psicologia: reflexões (im)pertinentes* (pp. 317-345). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rosa, J. M., Melo, A. K., Boris, G. D. J. B., & Santos, M. A. (2016). A construção dos papéis parentais em casais homoafetivos adotantes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(1), 210-223. Recuperado em 15 de outubro, 2017, de <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v36n1/1982-3703-pcp-36-1-0210.pdf>
- Santos, Y. G. S., Scorsolini-Cominb, F., & Santos, M. A. (2013). Homoparentalidade masculina: revisando a produção científica. *Psicologia e Reflexão Crítica*, 26(3), 572-582. Recuperado em 15 de novembro, 2016, de <http://www.scielo.br/pdf/prc/v26n3/v26n3a17>
- Shechory, M., & Ziv, R. (2007). Relationships between gender role attitudes, role division, and perception of equality among heterosexual, gay and lesbian couples. *Sex Roles*, 56, 629-638. Recuperado em 5 de novembro, 2016, de <http://link.springer.com/article/10.1007/s11199-007-9207-3>
- Singly, F. (2005). *Le soi, le couple et la famille*. Paris: Armand Colin.
- Singly, F. (2007). *L'individualisme est un humanisme*. Paris: Éditions de l'Aube.
- Uziel, A. P., Ferreira, I. T. O., Medeiros, L. S., Antônio, C. A. O., Tavares, M., Moraes, M. B., et al (2006). Parentalidade e conjugalidade: aparições no movimento homossexual. *Horizontes Antropológicos*, 12(26), 203-227. Recuperado 5 de novembro, 2016, de <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832006000200009>

Recebido em 03/01/2017

Aceito em 23/10/2017

Carolina de Campos Borges: doutora em psicologia, pela PUC-Rio. Professora adjunta do curso de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados. <http://orcid.org/0000-0003-2481-0596>.

Andrea Seixas Magalhães: doutora em psicologia, pela PUC-Rio. Professora adjunta do Departamento de Psicologia da PUC-Rio. <http://orcid.org/0000-0003-2992-9844>.

Terezinha Féres-Carneiro: doutora em psicologia, pela PUC-SP. Professora titular do Departamento de Psicologia da PUC-Rio. <http://orcid.org/0000-0002-0564-7810>.